

**A CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL E A INTENSIFICAÇÃO DO TRABALHO
DOCENTE: PRECARIZAÇÃO, PROLETARIZAÇÃO E A GÊNESE DO
INTELECTUAL SUBORGÂNICO**

Eixo: Marxismo, educação e luta de classes: desafios históricos e perspectivas de emancipação

José Eduardo Fonseca Oliveira¹

RESUMO

O presente trabalho busca discutir, ainda que de modo preliminar, as relações entre a crise estrutural do capital e a intensificação do trabalho, como uma das respostas à essa crise. Nessa pesquisa em especial, estuda-se a intensificação do trabalho docente, coadunando com a política de reestruturação universitária no Brasil, o REUNI. Considerando que desse cenário emergem duas consequências básicas para a profissão docente, a saber: a perda da hegemonia do professor no processo educativo, em decorrência da precarização das condições de trabalho, onde o controle das ações docente, se dá na publicação e na pesquisa, e o surgimento do intelectual suborgânico, que é o contra ponto do intelectual orgânico outrora pensado por Gramsci, que emerge da proletarização do trabalho docente. Utiliza-se nesse empreendimento conceitual os autores de fundamentação marxista, como Mészáros, Gramsci, Bourdieu, dentre outros, além do próprio Marx que não aparecerá entre aspas, mas se faz presente em cada linha dessa pesquisa.

Palavras-chave: Marxismo. Educação. Reuni.

**LA CRISE ESTRUCTURAL DEL CAPITAL Y LA INTENSIFICACIÓN DEL
TRABAJO DOCENTE: PRECARIZACIÓN, PROLETARIZACIÓN Y LA GÊNESE
DEL INTELECTUAL SUBORGÂNICO**

RÉSUMEN

El presente trabajo intenta discutir, aunque de manera preliminar, las relaciones entre la crisis estructural del capital y la intensificación del trabajo, como una de las respuestas a la esa crisis. En esa pesquisa en especial, estudase la intensificación del trabajo docente, coadunando con la política de reestructuración universitaria en Brasil, el REUNI. Considerando que de ese cenário emergen dos consecuencias básicas para la profesión docente, a saber: la pérdida de la hegemonia del profesor en el processo educativo, en decorrência de la precarización de las condiciones de trabajo, donde el control de las acciones docentes, dase en la publicación y en la pesquisa, y el surgimiento del intelectual suborgânico, que es el contra punto del intelectual orgânico otrora pensado por Gramsci, que emerge de la proletarización del trabajo docente. Utilizase en ese empreendimento conceitual los autores de fundamentación marxista, como Mészáros, Gramsci, Bourdieu, dentre otros, além del próprio Marx que no aparecerá entre aspas, mas se hace presente en cada linea de esa pesquisa.

¹ Grupo de Pesquisa: Escola, Currículo, Formação e Trabalho docente. Programa: PPGE – UFMA – Universidade Federal do Maranhão/ Bolsista Capes.

Palabras clave: Marxismo. Educación. Reuni.

Introdução

Uma provocação interessante no campo da teoria marxista parece ter vindo do autor David Harvey no seu livro “O Enigma do Capital e as Crises do Capitalismo”, além de abordar os inúmeros paradoxos do capital: crise de um lado, conhecimentos médicos de outro; degradação ambiental e aumento dos padrões de vida material; espiral da pobreza e revoluções nas comunicações. Ele estabelece de forma direta e por vezes indireta, um diálogo entre Darwin e Marx, observando que de fato o capital evolui, mas este processo requer estruturas de conhecimento, normas culturais e sistemas de crenças compatíveis com a acumulação do capital. E isso leva ao que ele chama de sete esferas de atividades a um contínuo processo de evolução a partir delas mesmas e na relação com as outras, a saber: tecnologias e formas de organização; relações sociais; arranjos institucionais e administrativos; processos de produção e de trabalho; relações com a natureza; reprodução da vida cotidiana e da espécie; e “concepções mentais do mundo”.

Tomando como base as análises de Harvey, observa-se que “esse processo de evolução aponta uma reconfiguração sistêmica do capital frente à crise, articulando esferas aparentemente antagônicas, e coadunando-as num fim último no reforço das “concepções mentais de mundo”.

E um ponto de entrelaçamento, a nosso ver, está na questão do trabalho e da educação. Assim, o presente trabalho busca discutir, ainda que de modo preliminar, as relações entre a crise estrutural do capital e a intensificação do trabalho como uma das respostas a essa crise. Nessa pesquisa em especial optou-se por estudar a intensificação do trabalho docente, coadunando com a política de reestruturação universitária no Brasil, o REUNI. Considerando que desse cenário emergem duas consequências básicas para a profissão docente, a saber: a perda da hegemonia do professor no processo educativo, em decorrência da precarização das condições de trabalho, onde o docente passa a ter o controle das ações, através das publicações e na pesquisa, e o surgimento do intelectual suborgânico, que é o contra ponto do intelectual orgânico outrora pensado por Gramsci, que emerge da proletarianização do trabalho

docente, que mantém em última instância as “concepções mentais de mundo”, anulando qualquer possibilidade de autonomia em seus alunos.

Utiliza-se nesse empreendimento conceitual os autores de fundamentação marxista, como Mészáros, Gramsci, Bourdieu dentre outros, além do próprio Marx, que não aparecerá entre aspas, mas se faz presente em cada linha dessa pesquisa.

Crise do Capital

Nos seus escritos, Michel Foucault propõe que se conceba a teoria como uma caixa de ferramentas, o que significa que se trata de construir não um sistema fechado e estanque, mas instrumentos de análises, onde por mais que se tenha inúmeras ferramentas compondo a caixa, sempre se utiliza a mais adequada para o serviço proposto. Partindo desse construto conceitual, utilizaremos como ferramenta conceitual para esse trabalho nesse momento preliminar, as construções elaboradas por Mészáros (2009). Esse observa que a crise atual do capitalismo se diferencia da natureza de todas as outras crises, pois não há mais intervalos cíclicos entre expansão e recessão, ela é uma crise estrutural.

Assim, o próprio desenvolvimento do valor foi atingido pela lógica inquestionável de valorização do capital, que tem como consequência corroer as engrenagens do “sistema sociometabólico”. Outros sistemas são sumariamente atingindo, como por exemplo, o sistema de “mediações de segunda ordem” – a produção alienada e suas personificações, dessa feita, atrelam a produção e o consumo, à total degradação do trabalho e da natureza às “consequências destrutivas”, que gradativamente se intensificam devido ao contínuo distanciamento da produção voltada às necessidades sociais, humanas, que se diferem das necessidades dominante que são, voltadas para a desmedida reprodução do valor.

Consequentemente, a crise nas estruturas do capital impõe limites intransponíveis ao desenvolvimento humano exibindo uma rede de calamidades e de contradições na relação entre capital e trabalho, que se evidencia no esgotamento do atual modo de produção. A sujeição das necessidades humanas ao poder alienante da expansão do capital, a desumanização/precarização do trabalho vivo transformado em mercadoria, a taxa de utilização sempre decrescente dos bens e serviços que põe em colapso o meio ambiente, são alguns dos fenômenos que destacam o caráter incontrolável, destrutivo e totalizador do

sistema, que coloca todas as relações e esferas sociais sob a mesma esfera dos imperativos da viabilidade produtiva.

Entretanto, ainda que as complicações advindas desse quadro não possam ser refutadas nem mesmo pelas apologéticas hegemônicas, não podemos, igualmente, cair no ilusório discurso de que o capitalismo está sentenciado ao "ponto de não-retorno" do colapso geral, não obstante sua indiscutível capacidade de reinvenção, e segundo Harvey (2011) de evolução, quase sempre sobre as ruínas das suas crises.

Logo, a crise estrutural do capital deve ser compreendida dentro do contexto da implacável confrontação dos limites do capital, bem como as possibilidades de "novas potencialidades históricas". Os problemas que dela emergem abrem caminho para o exame crítico de problemas cruciais e estreitamente vinculados ao salto para além do capital², à atualidade histórica da ofensiva socialista e à teoria da transição socialista adequada ao contexto atual (Mészáros, 2009, pág. 76-83).

Em relação à gênese da crise estrutural do capital e ao espaço de alcance da mesma, Mészáros afirma que "... a crise estrutural não se origina por si só em alguma região misteriosa: reside dentro e emana das três dimensões internas...", (Mészáros, 2002, pág. 798). Essas são as três dimensões fundamentais do capital: produção, consumo e circulação/distribuição/realização. Mészáros afirma ainda que, enquanto essas dimensões estiverem funcionando sem nenhum problema, não há nenhuma crise estrutural, podendo existir outros tipos de crise, como as cíclicas, que não afetam as três dimensões em conjunto. Logo, só se pode falar em crise estrutural do capital, quando:

[...] a tripla dimensão interna da auto-expansão do capital exibe perturbações cada vez maiores. Ela não apenas tende a romper o processo normal de crescimento, mas também pressagia uma falha na sua função vital de deslocar as contradições acumuladas do sistema. [...] quando os interesses de cada uma deixam de coincidir com os das outras, até mesmo em última análise. A partir deste momento, as perturbações e "disfunções" antagônicas, ao invés de serem absorvidas/dissipadas/desconcentradas e desarmadas, tendem a se tornar cumulativas e, portanto, estruturais, trazendo com elas um perigoso complexo mecanismo de deslocamento de contradições (Mészáros 2002, pág.799)

2 Observa-se que no pensamento de Mészáros, há uma distinção entre capital e capitalismo. O capital antecede o capitalismo e é também posterior a ele. A analogia também se aplica à produção de mercadorias, que precede e não se identifica com a produção capitalista de mercadorias (Mészáros, 2009, pág. 76-78).

Diante dos argumentos elencados, evidencia-se a crise sem precedentes que temos vivido, que atinge todas as dimensões da sociedade: econômica, política, educacional. Para Mészáros (2002), “esta crise estrutural não está confinada à esfera socioeconômica”. É uma crise que, também, “afeta todo o processo de reprodução do sistema de valores do capital”. Logo, as instituições que contribuem para a reprodução dos valores burgueses como: a família, a igreja e as instituições de educação formal, também se encontram em crise. Dizendo como Mészáros:

Simultaneamente, algumas das instituições mais fundamentais da sociedade são atingidas por uma crise nunca antes sequer imaginada. O poder da religião, no Ocidente, evaporou-se quase que completamente há muito tempo, mas este fato tem sido mascarado pela persistência de seus rituais e, sobretudo, pelo funcionamento efetivo de religiões-substitutas... [...] a crise estrutural da educação tem estado em evidência há já um número de anos nada desprezível. E aprofunda-se a cada dia, ainda que esta intensificação não assuma a forma de confrontações espetaculares. (Mészáros, 2002, pág.994-95)

Como já exposto, a crise estrutural do capital alcançou os mais diversos setores da sociedade, obrigando-os a reordenamentos como resposta a crise. Observa-se que um desses reordenamentos está na intensificação do trabalho, tópico esse a ser desenvolvido a seguir.

A intensificação do trabalho

Como já elencado nesse trabalho, a crise estrutural do capital iniciou um processo de reordenamento/reconfiguração radical no sistema de produção capitalista, buscou-se, por meio de uma série de medidas – das quais destacamos duas, a reestruturação produtiva e a reformulação do Estado numa perspectiva neoliberal –, a retomada do crescimento econômico até então em decadência por consequência da crise.

Na esfera da produção, a crise é responsável pelo avanço do uso de novas tecnologias e pela substituição, nos países do centro do capitalismo, do modelo taylorista/fordista por modelos alternativos, onde se destaca o modelo japonês toyotista. Essa substituição tem por meta romper com o modo de produção rígido, típico do modelo que estava sendo substituído, por uma produção mais flexível, que possibilitasse atender as novas demandas do mercado cada vez mais individualizado, pois no campo ontológico vivenciamos um processo de individuação.

No campo político, sobressaem as propostas neoliberais, que dão suporte à reestruturação da produção, pois fornecem as bases legais e ideológicas para a sua sustentação. Em resumo, a política neoliberal procura diminuir qualquer interferência por parte do Estado no jogo do livre mercado, apregoando que este é suficientemente capaz de manter a estabilidade da economia capitalista (Frigotto, 2003).

Observa-se ainda que outras medidas no bojo da reestruturação produtiva do capital foram a busca de novas áreas de exploração lucrativa, e principalmente o aumento da exploração sobre o trabalho, que tem como consequências a ampliação da alienação, o estranhamento em relação ao trabalho, e a pior das consequências, que é o adoecimento desse trabalhador.

É sabido que essas ações de reordenamentos/reconfigurações em tempos de crise estrutural são acentuadas e ampliadas a tantas esferas possíveis da sociedade. Assim, essa intensificação do trabalho atinge de forma dualista a profissão docente, onde esse dualismo situa-se de um lado na possibilidade de com a mesma força de trabalho aumentar a produtividade e os números mesmo em condições precárias, e de outro relegar o professor a um estado de intelectual suborgânico³.

O Reuni e a consequente perda da hegemonia do professor

No Brasil, no que tange políticas públicas neoliberais em uma diretiva para a educação, observa-se que nos últimos anos a mais importante foi sem dúvida o REUNI, que é o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, criado através do Decreto nº 6.096, 24 de abril de 2007.

No contexto histórico atual, observa-se no Brasil a expansão do ensino superior baseado em metas quantitativas (como o aumento do acesso às universidades públicas federais) e metas qualitativas (como a flexibilização curricular, renovação de práticas pedagógicas e uso de tecnologias de apoio à aprendizagem). Para a articulação entre a graduação e a pós-graduação, como descrito na proposta do Reuni, a preparação dos

3 Utiliza-se nessa pesquisa o termo intelectual suborgânico como contraponto ao termo pensado originalmente por Gramsci, onde esse teria como uma de suas funções, difundir a concepção revolucionária entre as classes subalternas, entretanto diante das políticas neoliberais diretivas a educação esse profissional se vê distante desse objetivo, pois perdeu a hegemonia no processo educativo, sendo orientado e seduzido pelos editais, que determinam o que se deve produzir, como se deve produzir, e enquanto tempo deve-se produzir.

professores e dos pós-graduandos bolsistas ficou a cargo de cada instituição. Conforme priorizado na justificativa do Reuni, a utilização da modalidade educacional à distância, somada às atividades presenciais, será uma forma de democratizar as oportunidades e diminuir as diferenças sociais (MEC, 2011).

Vale ressaltar o processo de mudanças internas que passam as universidades brasileiras, pois essas assumiram novas formas de gestão baseadas cada vez mais numa lógica produtivista e empresarial, descaracterizando assim, o seu “caráter de instituição da sociedade voltada para a formação humana e para a produção de conhecimento engajada na solução de problemas nacionais” (Leher; Lopes, 2008, pág. 20). Dessa forma, tanto o trabalho como a carreira docente desenvolvidos em IES públicas são afetados por essas modificações.

Assim, observa-se uma intensificação do trabalho docente nas IES, a partir da lógica produtivista que ocorrem mediante a exigência de produção acadêmica, com uma perspectiva de produzir muito em pouco tempo. Essa lógica presente no espaço acadêmico das IES faz com que o docente passe a ajustar o seu modo de trabalho aos editais, o que exigirá uma intensificação do seu trabalho, inclusive na pós-graduação.

Nesse contexto, também nos deparamos com um intenso processo de desqualificação/precarização profissional do trabalho docente, quando o mercado passa a determinar o produto do conhecimento a ser produzido. Para tanto, sua produção tem que estar de acordo com os critérios estabelecidos pelo sistema como bem observam (Conceição, Júnior e Maués, 2006).

Observa-se a partir dessa intensificação do trabalho, que os docentes são os que sofrem os maiores impactos na proposta do REUNI, principalmente se considerarmos os objetivos desse programa, que dentre outras coisas pretende aumentar o número de estudantes de graduação nas universidades federais e aumentar o número de estudantes por professor em cada sala de aula de graduação; diversificar as modalidades dos cursos de graduação, através da flexibilização dos currículos, da educação a distância, da criação dos cursos de curta duração, dos ciclo (básico e profissional) e/ou bacharelados interdisciplinares; incentivar a criação de um novo sistema de títulos; elevar a taxa de conclusão dos cursos de graduação para 90% e estimular a mobilidade estudantil entre as instituições de ensino (públicas e/ou privadas).

Como pode-se observar, o REUNI trata de aumento de vagas para discentes, não abordando o aumento de vagas para os docentes, o que exemplifica o aumento da exploração do trabalho, presente na profissão docente nas IES públicas, consolidando as políticas neoliberais frente a crise estrutural do capital, e aproximando o professor cada vez mais do processo de proletarização da sua profissão.

Essa política neoliberal de reestruturação das universidades públicas federais traz como uma de suas principais consequências à perda da hegemonia do professor, e a total descaracterização desses enquanto intelectuais orgânicos, nos moldes da criação conceitual de Gramsci.

Entende-se por hegemonia⁴, a função dirigente. E no atual contexto de intensificação do trabalho docente, onde essa intensificação ocorre mediante a uma lógica empresarial da exigência de produção acadêmica, o professor perdeu a hegemonia do processo educativo.

O fim último do processo educativo está na relação ensino/aprendizagem, entretanto na reforma universitária a partir do REUNI, e nas avaliações propostas às universidades, não interessa o nível das aulas a serem ministradas, e sim a quantidade de artigos publicados pelo professor, o número de editais que ele conseguiu contemplar, o que além de todos os danos ao processo educativo, traz a profissão docente a disputa, a concorrência desumanizadora, marca do capital, onde a disputa está em quem tem o “qualis” mais vantajado.

O professor universitário se torna assim completamente a mercê do capital, sem consciência da função histórica de sua classe, e que não consegue superar os ditames burocratizantes, de sua profissão, onde é entretido pelos editais, perdendo o foco do seu papel de intelectual orgânico. Pois nesse paradigma neoliberal de trabalho docente, se o seu “Lattes” não acompanhar as exigências ele corre o risco de ser ridicularizado.

É nesse contexto que emerge aquilo que denominamos nesse trabalho de intelectual suborgânico.

Precarização, proletarização e o intelectual sub-orgânico

4 O conceito é pensado a partir do pensamento de Gramsci, onde se salienta a função dirigente, a conquista do consenso que a hegemonia deve desempenhar na ditadura do proletariado.

É mister que nesse processo de reordenamento do mundo do trabalho como resposta a crise estrutural do capital, tem-se desenvolvido um extenso e denso processo de precarização do trabalho em todas as áreas e setores, onde a educação não foge a essa lógica trágica.

Podemos, a partir do pensamento de Bourdieu (1998), observar quais são os efeitos que esses reordenamento das estruturas produtivas acarretaram ao mundo do trabalho. O autor constata que “a precariedade está hoje por toda a parte”, tanto no setor privado quanto no público, pois o que se impera nas relações de produção são formas de inserção temporárias e interinas típicas do modelo de acumulação flexível. Dizendo como Bourdieu:

A precariedade afeta profundamente qualquer homem ou mulher expostos a seus efeitos; tornando o futuro incerto, ela impede qualquer antecipação racional e, especialmente, esse mínimo de crença e de esperança no futuro que é preciso ter para se revoltar, sobre tudo coletivamente, contra o presente, mesmo o mais intolerável (Bourdieu, 1998, pág. 120)

Dessa feita, o autor está sinalizando para o caráter conservador que a precariedade das relações de trabalho incide na mobilização da classe trabalhadora. Portanto, a crise e seus desdobramentos, por exemplo, o desemprego estrutural, propicia uma “mentalidade coletiva” Bourdieu (1998), a qual solapa a mobilização da classe trabalhadora. Dizendo mais uma vez com o autor: “a insegurança objetiva funda uma insegurança subjetiva generalizada, que afeta hoje [...] o conjunto dos trabalhadores e até aqueles que não estão ou ainda não foram diretamente atingidos” (Bourdieu, 1998, pág. 121), esse é um processo de subjetivação do capital e de suas estruturas.

Assim, partindo de Bourdieu e outros autores que abordam a questão, muito tem se discutido sobre a precarização do trabalho docente, entretanto, assumir essa conceituação estabelece outro problema de ordem primeiramente lógica, pois se observa que o funcionalismo público, os bancários, policiais, etc. reconhecem a mesma precarização do trabalho. Ora, se o trabalho do professor diferencia-se dos demais, não por hierarquia nem importância, e sim pelo produto e fim que a profissão docente tem, assim não se pode enquadrá-la sobre os mesmos padrões analíticos das demais profissões.

Dessa antinomia surge a necessidade de alguns autores sugerirem o termo *proletarização do trabalho docente*, que para fins analíticos coadunamos a essa conceituação nesse trabalho.

É sabido que a política de reestruturação universitária intensificou vertiginosamente a proletarização do trabalho docente, pois o professor como funcionário estatal, é responsável por contribuir para o sucesso dessas reformas que se traduzem em números que escodem a realidade no dia a dia dos professores, que se caracteriza pela desqualificação de seu trabalho, pela formação deficiente, pelos baixos salários, pelo desprestígio social da profissão e, às vezes, pela manipulação ideológica.

O espaço não nos permite fazer uma abordagem histórica, das transformações ocorridas na profissão docente, assim, elencar-se-á nesse trabalho as mudanças incididas nesses últimos anos e as consequências dessas políticas diretivas à profissão docente. Nessa configuração de políticas neoliberais, o professor tende a trabalhar, tornando-se um mero cumpridor de tarefas, um reprodutor daquilo que o currículo exige, um aplicador de conteúdos, dentre outras coisas. Sem tempo para estudar, ler, pesquisar o que realmente entende ser necessário para a sociedade, o professor passa a executar suas obrigações de modo mecânico, sem reflexão sobre o comando fornecido, transformando-se em um proletário, no sentido de ter perdido sua autonomia.

Assim, por falta de tempo ou incentivo para exercer sua capacidade criativa, desenvolve uma aula irreflexiva e de qualidade questionável, que em nenhum momento vai ser analisada ou discutida, pois como elencado nesse trabalho, o alvo de controle são os artigos publicados, que soa como uma distração ou um desvio de foco, para o que pode ser controlado e incentivado, em detrimento daquilo que precisa viver de aparência, tendo a sua essência suprimida, que é o ensino, ou a possibilidade de através dele provocar no aluno uma concepção do mundo homogênea e autónoma, tal qual pensou Gramsci a cerca do intelectual orgânico.

Os filósofos franceses Deleuze e Guattari no livro “O que é filosofia”, observam que filosofia é “a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos⁵”. Assim, ao elencarmos o conceito de “intelectual suborgânico”, é na tentativa de interpretar o real e traduzi-los em conceitos, não de denegrir a imagem docente através dessa conceituação.

Henry A. Giroux, na sua obra “Os professores como intelectuais: rumo a pedagogia crítica da aprendizagem” postula o professor como intelectual, no sentido que os professores assumam todo o seu potencial como estudiosos, que sejam profissionais capazes

5 Deleuze & Guattari, 1992, pág. 10).

de questionar as condições ideológicas e econômicas de maneira crítica, reflexiva e criativa, um profissional, que possa contribuir para a formação de cidadãos ativos e críticos, empenhados na luta pelas mudanças sociais e a efetivação de uma sociedade democrática.

Portanto, neste contexto, o professor é o personagem principal do processo de democratização e transformação do ensino, pois vai além de ser um mero transmissor de ideias e conhecimentos, mas sim, mediadores, legitimadores e produtores de ideias e práticas sociais, uma função eminentemente política e ética.

Esses fatores são constituintes de uma Pedagogia Crítica na visão de Giroux, que tem por finalidade revelar como a dominação e a opressão são produzidas dentro dos diversos instrumentos de escolarização, um projeto transformador e emancipatório. Entretanto, para uma Pedagogia Crítica realizável é necessário encarar as escolas como esferas públicas democráticas, nas quais, estudantes e professores trabalham juntos para alcançar uma nova visão de sociedade, de uma justa democracia autêntica. Entretanto, as políticas neoliberais se estruturam no contraditório disso, e as políticas incidem no professor para que o mesmo tenha sua profissão proletarizada.

O conceito de intelectual em Gramsci segue a mesma direção do que o formulado por Giroux dentro do contexto educacional. Entretanto, Gramsci acrescenta um elemento importante como veremos em suas próprias palavras:

Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo e de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político: o empresário capitalista cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura [...] Deve-se anotar o fato de que o empresário representa uma elaboração social superior, já caracterizada por uma certa capacidade dirigente e técnica [...] (Gramsci, 1982, pág. 3-4)

Gramsci pensou o intelectual inserido num contexto social, vinculado a um modo de produção que ele denominou de “orgânico”. O intelectual tradicional entendido como um membro de um grupo independente, separado por uma casta cede espaço para o intelectual orgânico de Gramsci, que tem como função difundir a concepção de mundo revolucionária entre as classes desprivilegiadas. É dos intelectuais orgânicos a tarefa de levar às massas a filosofia da práxis. Ele ainda acrescenta:

Disto se deduzem determinadas necessidades para todo o movimento cultural que pretende substituir o senso comum e as velhas concepções do mundo em geral, a

saber: 1) não se cansar jamais de repetir os próprios argumentos (variando literalmente a sua forma): a repetição é o meio didático mais eficaz para agir sobre a mentalidade popular; 2) trabalhar incessantemente para elevar intelectualmente camadas populares cada vez mais vastas, isto é, para dar personalidade ao amontoado elemento de massa, o que significa trabalhar na criação de elites de intelectuais de um novo tipo. (Gramsci, 1981, pág. 27)

Trabalhar na “criação de elites de intelectuais de um novo tipo”, nada se faz tão atual, se coadunarmos como início desse texto, quando cita-se Harvey (2011), e a observação que esse faz do caráter evolucionista do capital. Faz-se necessário no atual contexto a presença desses “intelectuais de um novo tipo”: autônomos, comprometidos com a filosofia da práxis, que acompanhem conceitualmente e diametralmente oposta a evolução do capital.

Entretanto, não é isso que se observa, pelo contrário, os professores nesse processo de precarização e proletarização de suas profissões, tem sido transformados pelo sistema em intelectuais suborgânicos.

É sabido que o prefixo “sub” em nossa língua significa inferioridade, aproximação e substituição. Nesse trabalho utiliza-se o “sub” como o contraponto ao intelectual orgânico gramsciano. Observa-se esse caráter inferior, entretanto, assevera-se que o processo de inferiorização é do sistema para com ele, ou seja, o intelectual suborgânico é foco de políticas neoliberais de alienação e subordinação intelectual e dominação ideológica explícita, que o faz se distanciar do intelectual orgânico, reproduzindo a mesma lógica do capital na sua profissão, e assim reduz as possibilidades de surgimento dentro da classe trabalhadora de um intelectual orgânico, capaz de tornar explícito o implícito, e fazer tomar consciência de uma concepção de mundo homogênea e autônoma.

Considerações finais

No resumo deste texto desloquei uma frase de Foucault de umas de suas entrevistas⁶, quando o mesmo afirmava que citava Marx sem aspas e por isso Marx não era identificado em seus textos, justamente porque os que se intitulavam marxistas não liam Marx. Na mesma entrevista Foucault afirma ser impossível fazer história sem utilizar os conceitos ligados direta ou indiretamente a Marx.

⁶ Muitas entrevistas de Foucault se transformaram em coletâneas de textos, a entrevista em questão é de 1975 que possui o título “Sobre a prisão”

Esse posicionamento de Foucault se estende há alguns de seus contemporâneos, geralmente denominados de pós-estruturalistas, dos quais destaca-se Deleuze e Guattari, que em uma obra pontual intitulada “ O Anti-Édipo - Capitalismo e Esquizofrenia”. Para alguns, uma crítica a Marx. Em nossa compreensão ele não crítica Marx e sim filosofa com ele. Se apropriando de conceitos de Marx, os autores observam que o capitalismo conseguiu se erguer dos destroços de todos os modos de produção que o antecedeu, se consolidando em desterritorializar todos os códigos, por ter assumido uma instância subjetiva do sujeito.

Diante disso pergunta-se: o que nos faz amar o poder e desejar esta coisa que nos domina e nos explora, como já questionava Foucault, o que faz conhecer as táticas de guerrilha do capital e ainda sim lutarmos ao seu lado. No que tange a profissão docente, saber dos fins das políticas neoliberais e ainda assim jogar o jogo, dançar conforme a música?

Falta de opção ou esgotamento conceitual, a crise estrutural do capital é uma crise de um novo começo para o marxismo, ou estamos fadados às impossibilidades e, portanto o julgo ideológico e exploratório do capital?

Quanto à profissão docente, vivenciamos a intensificação do trabalho, a precarização, a proletarização o surgimento do intelectual suborgânico, todo esse processo sendo estruturado a luz do dia.

Pontuar esses eventos e conceitos nessa chamada “considerações finais”, é encontrar nesses conceitos e nessas perguntas, um caminho de compreensão diante dos problemas elencados e da nossa postura frente ao capital. Muitas considerações finalizam os trabalhos, preferi dessa feita, finalizar com perguntas, sem propriamente considerar nada.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

CONCEIÇÃO, D. L; JÚNIOR W. P. M; MAUÉS, O. C. **As políticas de avaliação para a educação superior brasileira e o trabalho docente no contexto neoliberal**. VI Seminário REDES TRADO – Regulação Educacional e Trabalho Docente, 06 e 07 de novembro de 2006 –UERJ – Rio de Janeiro – RJ.

DELEUZE, Gilles. & GUATTARI, Félix. **O que é filosofia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
_____. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. Trad. Luiz B. L. Orlandi. Editora 34, 2010.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GIROUX, Henry A. **Os Professores Como Intelectuais**. Porto Alegre: Artmed Editora, 1997.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

_____. **Concepção dialética da história**. 4.ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981.

HARVEY, David. **O Enigma do Capital: e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo Editorial.

LEHER, R. L. & LOPES, A. **Trabalho docente, carreira e autonomia universitária e mercantilização da educação**. VII Seminário REDESTRADO – Nuevas regulaciones en América Latina Buenos Aires, 3, 4 y 5 de Julio de 2008.

MEC. **MEC lança livro que explica o PDE**. Disponível em <http://www.contee.org.br/noticias/educacao/>. Acesso em 11 de Fev. de 2014.

MEC. REUNI, **Reestruturação e Expansão das Universidades Federais**: Diretrizes gerais. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/diretrizesreuni.pdf>. Acesso em 18 de Fev. de 2014.

MÉSZÁROS, István. **A Crise Estrutural do Capital**. São Paulo: Boitempo. 2009.

_____. **O Desafio e o Fardo do Tempo Histórico: O Socialismo no Século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **O Poder da Ideologia**. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **Para além do capital**. Tradução de Paulo Cezar Castanheira e Sérgio Lessa. Campinas, São Paulo: Boitempo, 2002.